

Editorial



A Festa de Todos-os-Santos, em Quinta do Anjo, constitui uma tradição local à qual este ano se associam o 80º aniversário da freguesia e um dos momentos altos da comemoração dos 82 anos da Restauração do concelho de Palmela, isto é, a homenagem a um dos mais conhecidos e reconhecidos homens da região de Palmela e, em particular, na sua e nossa Quinta do Anjo: o Dr. António Matos Fortuna.

O boletim do Museu Municipal dedica assim, grande parte desta edição à memória do Professor e Historiador local, quer evocando a sua extensa investigação e produção editorial, quer a um conjunto de temáticas que lhe eram particularmente queridas – a História e a Memória da aldeia de Quinta do Anjo, dos homens e mulheres que nela vivem, mas também ao Património Natural que nesta comunidade se soube preservar e usar em prol do bem comum, criando alguns dos melhores produtos da região de Palmela: os queijos e os vinhos.

Quando em 1985, a Câmara Municipal de Palmela tomou a iniciativa de realizar as comemorações do 8º centenário do Foral de Palmela, foi sob orientação de Matos Fortuna – desde 1982 assessor do Pelouro da Cultura – que essa acção se desenrolou. As temáticas históricas então evocadas – no cume da história do concelho –, constituíram mote para alguns dos trabalhos seguintes do município, na vertente da divulgação do Património Cultural, que ao longo dos anos se consolidaram e prosseguem hoje; o caso dos Cursos e Encontros sobre Ordens Militares, cuja pertinência e interesse neste *+museu* são apresentados a partir de um inquérito feito em Março aos participantes do 8º Curso, é disso um exemplo. Outras áreas, que à data não tinham o relevo que hoje assumem na nossa actividade – como a salvaguarda do património arqueológico –, estão também documentadas neste boletim.

O incansável trabalho de António Fortuna pela (re) descoberta da História local e pelo registo dos saberes-fazer das gentes de Quinta do Anjo e de outras comunidades do concelho e do distrito de Setúbal, deixa-nos para o Futuro um exemplo de perseverança e a certeza de que muitas das áreas de conhecimento da realidade local que – ao longo de décadas – estudou, podem e devem ser desenvolvidas e renovadas pelas novas gerações.

As parcerias no Museu Municipal com outras entidades, que actuam no território concelhio, permitem-nos progredir nesse trabalho de salvaguarda e divulgação patrimonial, para residentes e para visitantes do nosso concelho. Apresentam-se nesta edição dois casos de trabalhos de investigação histórico-antropológica que em breve podem vir a ser importantes pólos de conhecimento sobre a ruralidade do nosso concelho: o Museu do Pastor e a Quinta Pedagógica Caramela.

A fotografia escreve, com luz, os nossos actos e perpetua-os no tempo. O suplemento deste *+museu* deixa-nos registos da vida árdua, mas também bucólica, da freguesia de Quinta do Anjo, apresentando imagens da infância e da escola, do desporto e da cultura, dos ofícios tradicionais e de actos oficiais do longo do século XX.

O Futuro está no trabalho que hoje realizamos conhecendo o Passado e reconhecendo os homens e as mulheres que tornam mais claros e sábios os nossos passos. Este é um caminho consciente que nos orienta, para trabalharmos com os nossos municípios em prol do desenvolvimento cultural local !

Patrimónios do concelho o Maneio das ovelhas

O Museu Municipal de Palmela insere-se num vasto território onde a diversidade cultural se impõe aos sentidos. Identidades e Patrimónios sobrepõem-se, fruto da história e da memória de cada lugar.

O Museu Municipal de Palmela, no sentido de dar cumprimento à sua missão: estudar, salvaguardar e promover os patrimónios e identidades próprias das suas gentes, impulsiona e acompanha o processo cultural reivindicativo, transversal a toda a sociedade, que é o reclamar, para o concelho, das suas especificidades locais. Nesse sentido, celebra parcerias institucionais com a comunidade local que assentam na união de esforços e vontades.

Esta instituição, que possui uma estrutura polinucleada, tem como espaço de acção privilegiado o próprio território, que reflecte. Constituído por núcleos e extensões museológicas, tem por objectivo expressar a diversidade do local.

Neste ano de 2008, foi com grande interesse e satisfação que fomos convidados, pela Associação Regional de Criadores de Ovinos Leiteiros da Serra da Arrábida (ARCOLSA), a colaborar na criação de um novo espaço expositivo, no concelho, dedicado à temática da ovinicultura, em S. Gonçalo, Cabanas. Este projecto tem como objectivo contribuir para a salvaguarda do aparato simbólico e funcional que compõe a actividade do Maneio das ovelhas. Não se trata apenas de falar sobre a importância do Queijo de Azeitão para o concelho mas, também, de tudo o que está implícito na actividade do ovinicultor e do ciclo de trabalho que molda esta profissão.

Definido o cronograma de trabalho e as responsabilidades inerentes a cada uma das entidades, no âmbito desta parceria, coube ao Museu Municipal de Palmela proceder à investigação temática e conceber os conteúdos textuais da exposição.

Passando por todos os passos necessários e comuns no contexto de uma pesquisa antropológica, durante o trabalho de campo foram seleccionados informantes que acompanhámos durante os trajectos do quotidiano. Observámos a forma como os animais são conduzidos para os locais de pasto, a técnica utilizada na ordenha, os cuidados a ter durante um parto,

as tarefas diárias inerentes ao seu Maneio. Quisemos também saber sobre a evolução desta profissão no que respeita aos métodos e técnicas, mas também sobre as vidas destes homens e mulheres que, ao longo dos anos, se dedicaram, em exclusivo, ao cuidado das ovelhas.

É de destacar que fomos confrontados, durante este processo, com uma profissão exigente e de grande rigor ao nível das práticas e conhecimentos.



Os animais dependem em exclusivo destas pessoas. É através delas que se alimentam, se tratam, se reproduzem. São tarefas que têm obrigatoriamente que ser cumpridas, por uma determinada ordem, todos os dias.

Não se padecem por férias ou alturas festivas. Todos os dias.

Se hoje é já possível alguma margem de manobra pelo facto de se utilizar com alguma regularidade rações, antigamente os animais sobreviviam apenas à base do pastoreio, o que obrigava a deslocações diárias na procura de alimento.

"Era todos os dias que tinha que pastar. Naquele tempo pouco se dava lá à manjedoura, ou nada. Era só o que apanhavam cá por fora. Mesmo em dias de chuva e tudo, tinha que se romper."

João Ferreira, 83 anos, 2008

Todavia, importa destacar que embora as rações façam hoje efectivamente parte da dieta alimentar, o preço de cada saco está altamente inflacionado em consequência da conjuntura económica mundial. Facilmente se ouvem lamentos e pedidos de apelo na voz destas pessoas que temem pelo futuro desta profissão rural.

Fruto da parceria entre o Museu Municipal e a ARCOLSA, nasceu a exposição de longa duração “Entre a Serra e o Céu: Ecos dos Saberes e Fazeres no Maneio das ovelhas”, inaugurada durante a XIII edição do Festival do Queijo, Pão e Vinho.

Dividida por núcleos temáticos, a exposição convida o público a uma inversão do percurso, propondo que este caminho se inicie pelo culminar do ciclo, pelo produto acabado: o queijo de Azeitão. A descrição do modo de produção artesanal deste produto é pautada pelas memórias:

“Quando era quatro e meia, cinco horas o mais tardar [da manhã], levantava-me. Ordenhava as ovelhas, ia para baixo fazia os queijos, encabazava-se os queijos dentro dos cabazes e vinha-se pôr à camioneta para ir vender – uma senhora levava os queijos e ia vender para o Seixal. Depois era chegar a casa, almoçar, ou levar uma sacola com um lanche e pastar as ovelhas – andar todo o dia atrás do gado. Chegava à noite prendia-se o gado, ordenhava-se, levava-se o leite para casa, fazia-se os queijos (...) Fazia-se o leite da noite e fazia-se o leite da manhã. (...) Esses queijos como eram da noite iam sempre por cima dos outros (...) para não azedarem.”

Tito, 52 anos, Quinta do Anjo

Tratando-se de ovelhas leiteiras, a **ordenha** corresponde à actividade fundamental do ciclo produtivo, intrinsecamente dependente de uma boa gestão do maneio do gado.

A ordenha era efectuada no aprisco, método tradicional que hoje vem sendo sistematicamente substituído por salas industriais que proporcionam melhores condições de higiene, e permitem maior produtividade na recolha do leite.

Na ordenha ao aprisco, os comedouros ou cancelas de madeira eram distribuídos de maneira a formarem corredores estreitos onde as ovelhas eram dispostas

em fila. O produtor, de cócoras ou sentado no próprio ferrado, vai ordenhando, uma a uma, através de movimentos consistentes e precisos, mas simultaneamente delicados.



À medida que os ferrados enchiam, o leite ia sendo coado, por um pano, para as bilhas de folha de zinco onde era transportado para a queijaria.

A **pastagem** é de primordial importância já que dela dependia, quase em exclusivo, a alimentação dos animais à base, sobretudo, de plantas espontâneas (gramíneas e leguminosas) existentes na Serra da Arrábida, que está dotada de um micro clima específico, de forte influência mediterrânea. É nesta vasta área de grande diversidade ao nível da flora e vegetação que os rebanhos se alimentam, através de um sistema de pastoreio definido com rigor, tendo em conta o clima, as pastagens e os saberes das Gentes.

“É uma vida dura e de que maneira! Não temos dias santos, não temos feriados, não podemos ir a um baile, não podemos ir a uma festa, não podemos ir a lado nenhum. É uma vida presa!... Mas então, não temos outra!”

Estanislau, 69 anos, 2008

No mês de Março, quando o tempo começa a aquecer, inicia-se a **tosquia** que decorre até meados de Maio, dependendo do número de cabeças do rebanho. Esta é uma operação que consiste em cortar, rente à pele, a lã dos animais para posterior aproveitamento. Prepara, também, os animais para a época de **cobrição** que se avizinha.



+museu⁴ em destaque...

Como o melhoramento genético é exclusivamente feito pelo controle dos casamentos, o carneiro reprodutor é rigorosamente seleccionado em função das suas características genéticas, de modo a dar continuidade ao apuramento da raça. Os rebanhos são constituídos de modo a que exista um carneiro por cerca de quarenta ovelhas fêmeas.

A gestação destes animais é de cinco meses e, durante este período, as ovelhas prenhas devem ser alvo de todos os cuidados para o nascimento que se aproxima.

Nesta inversão do percurso, que é, afinal, um ciclo que se repete todos os anos, chegamos ao momento em que tudo tem início. Momento em que a vida se reproduz, em que pequenos e sumidos balidos se vêm juntar aos sons da terra. É nos meses de Setembro e Outubro que os borregos resultantes de uma procriação controlada começam a nascer. A mãe, previamente separada do restante rebanho, é mantida em local limpo, seco e abrigado.

Timidamente vai entrando em trabalho de parto, transmitindo pequenos sinais inconfundíveis ao olhar de quem sabe.

“A gente nota. Começa-se a espreguiçar, o rabito no ar, o mojo, e depois deita a bolha de água.”

António Plateia, 2008

Falamos, sobretudo, de ovelhas de raça Saloia, originárias do distrito de Lisboa (Cascais, Lisboa, Loures, Mafra, Oeiras, Sintra, Vila Franca de Xira e Torres Vedras) e de Setúbal (Palmela, Setúbal e Sesimbra), que correspondem à individualização de uma determinada tipologia de efectivos pertencente ao Grupo Étnico Bordaleiro.



Beatriz Costa (1907 - 1996) apadrinhou estes animais, tornando-se Madrinha da Raça Saloia da Península de Setúbal. Em 1989 escreveu as seguintes palavras,

singulares e antropologicamente ricas:

“O dia 1 de Novembro de 1989 deve ter sido o mais agradável que passei nos últimos quinze anos!...Eram centenas de homens humildes, talvez um milhar. Na sua maioria pastores e criadores de rebanhos (...) nunca pensei que no meu amado país existissem tão belos exemplares [ovelhas saloias] como aqueles que vi e acariciei na Quinta do Anjo. Era a VII Exposição Concurso de Ovinos da Raça Saloia”

Beatriz Costa, “Eles e Eu”, 1990

Cada profissão tem uma **linguagem** própria, assente em termos técnicos específicos mas também em regionalismos que, numa apropriação das palavras, as moldam à medida das necessidades de comunicação do meio que habitam. No sentido de clarificar o sinónimo de palavras e dizeres, concebemos um painel que lista alguns dos exemplos mais significativos.

Estavam feitas à gente, é um dos dizeres recorrente, neste falar sobre as ovelhas. Traduz a relação entre homem e animal, mas traduz muito mais. Revela a forma como estes homens se dedicaram aos animais que tinham ao seu cuidado, baptizando-os e reconhecendo cada um pelas características específicas da sua personalidade. A *Laranjinha*, gostava muito de laranjas, a *Mimosa* era muito meiga...

No sentido de mostrar, para além das palavras, o campo de significados inerente a este mundo, editámos um documento audiovisual, presente no espaço expositivo, que evoca memórias narradas pelas vozes dos protagonistas: gente convicta da escolha profissional que fez, ainda nos tempos da sua meninice. Convicção que se reflecte no rosto e nas palavras. Orgulho que os afectos reclamam.

Embutidos, também, de fortes convicções acerca da importância deste Património, e sobre a importância de dar continuidade a este trabalho, a ARCOLSA e o Museu Municipal preparam a abertura deste espaço ao público, enquanto extensão Museológica, com um programa regular e diversificado de actividades pedagógicas. E, assim, o Museu Municipal de Palmela, em nome, também, da ARCOLSA, convida-os a visitarem este novo equipamento cultural do concelho e a deixarem-se tocar pelos cheiros e sons da ruralidade.

Teresa Sampaio
Antropóloga, Museu Municipal de Palmela

À Memória de

António Matos Fortuna

Jornalista,
Professor,
Historiador Local

(✠ Quinta do Anjo 09.03.2008)

Nascido a 31.12.1930 em Quinta do Anjo, tinha o prazer de ser auto-denominar *montanhão* (da encosta da serra) e o talento de encadear narrativas umas nas outras com uma naturalidade surpreendente. Amante da sua terra, deixa-nos não só o seu trabalho, registado em obras essenciais ao conhecimento da nossa História Regional e Local, mas também a memória do seu saber, vivacidade, perseverança e humildade.

O seu percurso de vida, sempre marcado pelo estudo, o ensino e a escrita, colocam-no sempre em posição de participação e intervenção na comunidade. Após o percurso escolar feito em Setúbal, na Escola João Vaz, nos anos 50 trabalha na Câmara Municipal de Setúbal como fiscal de impostos, no Sanatório do Outão, na Casa de Pessoal da “SACOR” e como revisor na editora “Logos”. Em 1953, é um dos membros da tertúlia literária “Arcádia da Fonte do Anjo”, com o pseudónimo *Louro da Serra*; à qual pertencem também Cabral Adão, médico e escritor, a poetisa Maria Helena Soares Horta e Maria Adelaide Rosado Pinto, mestre de música. Com página regular no jornal *O Setubalense*, divulgam poesia pretendendo incentivar o gosto pela sua produção e leitura.

Em 1968-69 frequenta o primeiro Curso de Jornalismo realizado em Portugal, da responsabilidade do Sindicato Nacional de Jornalistas, encetando uma vasta colaboração em periódicos regionais e nacionais.

Em 1976 licencia-se em História na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, iniciando no ano seguinte a sua carreira docente na Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos de Palmela, na qual se aposenta em Setembro de 2000. Também nos anos 70, desenvolve trabalhos de investigação e escrita sobre a História



ria local. Comunicações e colaborações diversas, investigação sobre várias áreas da cultura e história locais, dão expressão a esse trabalho publicado, na maior parte, pela Câmara Municipal, pelo Grupo dos Amigos do Concelho de Palmela, pela Misericórdia e pela Paróquia palmelenses.

Assessor cultural da Câmara Municipal de Palmela de 1982 até 2007, considerava o programa de Comemorações do 8º Centenário do Foral de Palmela (1985), a sua mais bem sucedida actividade. Este evento marcará o início da actividade cultural do Município, constituindo, ainda hoje, uma referência na História Local e Nacional e uma memória feliz para muitos munícipes. Com envolvimento comunitário convicto e assíduo é Membro da Associação Portuguesa dos Amigos dos Castelos, responsável pelo sector cultural da Santa Casa da Misericórdia de Palmela; sócio-fundador do Grupo dos Amigos do Concelho de Palmela; sócio-fundador da Ordem Enófila de Sant'Iago; dirigente da Assembleia Geral da Sociedade de Instrução Musical de Quinta do Anjo, durante 2 décadas; membro da Acção Católica Rural, durante 15 anos e organizador de passeios culturais destinados a mostrar o património do país às gentes da região.

Devido ao seu trabalho, dedicação e mérito, em 1986 é galardoado com a medalha do concelho de Palmela, pela actividade desenvolvida nas comemorações do 8º Centenário do Foral de Palmela; em 1991 é eleito personalidade do ano pela comunicação social do distrito de Setúbal; em 1995, homenageado por um elevado número de personalidades e entidades e, em 2000, homenageado como Professor aposentado do concelho.

Nos últimos anos, a paixão pelo muito que ainda se

encontra por fazer, o entusiasmo pela descoberta e a alegria da partilha é travada pelo cansaço. A memória, indiferente à força que ainda se encontra no peito e nos braços, vai partindo levando consigo o que numa vida se aprendeu e ensinou, deixando adormecidos documentos, estudos e sonhos.

Deixa-nos a obra e o exemplo, sempre Professor António de Matos Fortuna.

Fazendo nossa uma expressão que muito usava:

Agradecido(s) em grau superlativo !

Bibliografia

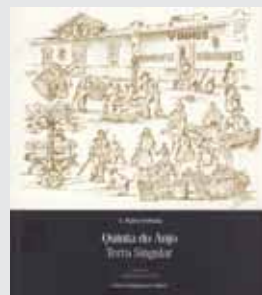


- Memórias Paroquiais de 1758 (prólogo, selecção e anotações), Col. "Monografia de Palmela, vol.1", Palmela: Grupo dos Amigos do Concelho de Palmela, 1982
- "O Castelo de Palmela - Charneira dos Sete Castelos da Região dos Três Castelos" e "A Exploração Didáctica de Velhos Monumentos - Um Exemplo Concreto: O Castelo de Palmela" in Livro do Congresso - Primeiro

Congresso Sobre Monumentos Militares Portugueses realizado em 1982, Lisboa: Património XXI - Associação Portuguesa para a Protecção e Desenvolvimento da Cultura, 1982, pp. 34-38 e 39-43

- Alguém que "Agarrou" o Evangelho - Evocando Carmita Fortuna, Quinta do Anjo: Comunidade Cristã de Quinta do Anjo, 1983
- Reflexões sobre a História Social de Palmela, Palmela/Ed. policopiada, 1984
- Armaria antiga em Palmela. Catálogo de exposição, em colaboração com Rainer Daehnhardt, no âmbito do 8º Centenário do Foral de Palmela, 1985
- Aspectos da Linguagem Popular de Palmela, Palmela: Direcção-Geral de Apoio e Extensão Educativa / Coordenação Concelhia de Palmela, 1987
- "Digressões à Volta do Nome de Palmela" in História de Palmela ou Palmela na História - Jornadas de Divulgação e Análise do Passado de Palmela realizadas em 1987, Col. "Estudos Locais, nº 1" Palmela: Câmara Municipal, 1988, pp. 37-49
- "Recordando Três Páginas da História Esquecida do Castelo de Palmela". O Castelo de Palmela - Emissão de Selo, Lisboa: Correios e Telecomunicações de Portugal, 1988, pp. 5-8
- Quinta do Anjo - Capital da "Ovelharia" Entre Tejo e Sado, Palmela: Câmara Municipal, 1988
- Contava-se em Terras de Palmela... - As Lendas Perdidas do Concelho de Palmela. Col. "Estudos Locais nº 2", Palmela: Câmara Municipal, 1989
- "O Castelo de Palmela" in A Ordem de Sant'Iago - História e Arte. Catálogo da Exposição, Palmela: Câmara Municipal, 1990, pp. 41-46
- Da Uva Por Nascer ao Vinho Pronto a Beber. Catálogo da Exposição - Vindimas 90. Palmela: Câmara Municipal, 1990
- Misericórdia de Palmela - Vida e Factos, Palmela: Santa Casa da Misericórdia de Palmela, 1990
- "Um Inventário da Ordem de Sant'Iago ou Caderno de Problemas de Múltiplas Incógnitas". As Ordens Militares em Portugal - Actas do 1º Encontro sobre Ordens Militares realizado em 1989, Col. "Estudos Locais, nº 3", Palmela: Câmara Municipal, 1991, pp. 131-139

- A Igreja de S. Pedro de Palmela, Palmela: Igreja Paroquial de S. Pedro, 1991
- "História Vitivinícola da Península de Setúbal - Breves Aparentamentos". Vinhos da Costa Azul, Setúbal: Região de Turismo da Costa Azul, 1992
- Chafariz D. Maria I - Bicentenário - 1792 / 1992, Palmela/Ed. policopiada, 1992
- Priores-Mores do Real Convento Provedores da Santa Casa da Misericórdia de Palmela, Palmela: Santa Casa da Misericórdia de Palmela, 1994
- Roteiro do Cortejo Evocativo "Portugal e o Vinho", Palmela: Festa das Vindimas, 1994
- Quando se Levantou o Chafariz - Reinado de D. Maria I. Col. "Monografia de Palmela vol. 2", Palmela: Grupo dos Amigos do Concelho de Palmela, 1994
- Extinção e Restauração do Concelho - Um Combate Singularmente Duro, Col. "Monografia de Palmela, nº 3", Palmela: Grupo dos Amigos do Concelho de Palmela, 1995
- Ordem Enófila de Sant'Iago - Primeiras Parras - Volume-Arquivo de Documentos Iniciais, Palmela: Ordem Enófila de Sant'Iago, 1996
- "A Riqueza Fundiária da Ordem de Sant'Iago no Distrito de Setúbal em 1834", in As Ordens Militares em Portugal e no Sul da Europa - Actas do II Encontro sobre Ordens Militares realizado em 1992, Col. "Actas & Colóquios nº 10", Lisboa/Palmela: Edições Colibri / Câmara Municipal de Palmela, 1997, pp. 231-268
- Memórias da Agricultura e Ruralidade do Concelho de Palmela, Palmela: Câmara Municipal, 1997
- "A Ordem de Sant'Iago - Perspectivas Vitivinícolas Ontem e Hoje" in Ordens Militares - Guerra, Religião, Poder e Cultura - Actas do III Encontro Sobre Ordens Militares realizado em 1998, Vol. 1, Col. "Actas & Colóquios, nº 17", Lisboa/Palmela: Edições Colibri / Câmara Municipal de Palmela, 1999, pp. 185-192
- "Jogo do Pau" in Actas da 1ª Eira Folclórica da Região Caramela realizada em 1999, Pinhal Novo: Rancho Folclórico da Casa do Povo de Pinhal Novo, 2000, pp. 27-32
- 8º Centenário do Foral de Palmela - Memorial das Comemorações, Palmela: Grupo dos Amigos do Concelho de Palmela, 2001
- Palmela - Sobre Todas, Mais Alta e Formosa, Lisboa: Elo, 2001
- Co-autoria com GARCIA, Vasco Penha e HOMEM-CARDOSO, António - Os Vinhos da Península de Setúbal. Col. "Enciclopédia dos Vinhos de Portugal, nº 7", Lisboa: Chaves Ferreira, 2001
- Marateca Que Já Foi, Col. "Estudos Locais, nº 5", Palmela: Câmara Municipal, 2002
- "Um Castelo em Sucessiva Destruição e Reconstrução" in Actas do III Congresso "Monumentos Militares Portugueses" realizado em Junho de 1985, Lisboa: Associação Portuguesa dos Amigos dos Castelos, 2002, pp. 69-77
- Roteiro do Cortejo Evocativo "Portugal Vinícola" - Festa das Vindimas - 2002. Palmela: Comissão da Festa das Vindimas, 2002
- Um Distrito sob o Signo do Futebol, Setúbal: Associação de Futebol de Setúbal, 2002
- Outros Tempos. Trabalhos e Diversões das Gentes de Palmela, Quinta do Anjo, Cabanas e Caramelos. Quando os Autores eram Rapazes Pequenos., Col. "Monografia de Palmela, nº 4", Palmela: Grupo dos Amigos do Concelho de Palmela, 2002
- Quinta do Anjo - Terra singular. Col. "Estudos Locais, nº 6", Palmela: Câmara Municipal, 2005



nos bastidores...

O GEsOS e os Cursos sobre Ordens Militares: um percurso e um balanço

Um dos objectivos prioritários do Gabinete de Estudos sobre a Ordem de Santiago (GEsOS) é a formação de um público vasto, não necessariamente especializado nesta área, que inclui os professores dos ensinos básico e secundário e os alunos dos ensinos secundário e superior.

Os Cursos sobre Ordens Militares enquadram-se neste propósito e o formato adoptado permite que, num curto espaço de tempo - um dia e meio ou dois dias -, seja veiculada informação sobre uma vertente da história das Ordens Militares, suporte teórico que é depois complementado por uma componente prática, usualmente uma visita de estudo a monumentos ou património móvel relacionados com as Ordens Militares. A periodicidade tem sido ultimamente anual, interrompendo-se nos anos em que decorrem os Encontros sobre Ordens Militares, realizações de maior envergadura e especializadas, também da iniciativa do GEsOS.

A primeira sessão teve lugar em 1997, sujeita a temática generalizada, mas a partir de 1999 começaram a definir-se linhas de abordagem específicas, seguindo primeiro critérios cronológicos e optando depois pela exploração de aspectos parcelares da história das Ordens e das suas realizações artísticas. Assim, o 2º Curso (1999), foi dedicado às «Ordens Militares em Portugal - Sécs. XII a XVI», com consultoria da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Prof. Doutor Luís Adão da Fonseca, e o 3º Curso (2000) versou sobre «As Ordens Militares: Sociedade e Património Artístico no Portugal Moderno (1551-1834)», com a orientação da Universidade de Évora, Prof.^a Doutora Fernanda Olival. No 4º Curso (2001) decidiu tratar-se a temática dos «Conventos das Ordens Militares», terminando com uma interessante visita ao Mosteiro de Santos-o-Novo, em Lisboa. O 5º Curso (2003) seguiu, excepcionalmente, um modelo distinto, assumindo-se como um colóquio de cariz arqueológico organizado em parceria com a FLUP - Universidade do Porto e cujas actas viriam a ser edita-



das em conjunto. O 6º Curso (2005) pretendeu proporcionar um guião de pesquisa ao centrar-se no tema «*Fontes para o Estudo das Ordens Militares em Portugal*». O 7º Curso (2007), com consultoria do Centro de História d' Além-Mar (FCSH- UNL), Prof. Doutor João Paulo Oliveira e Costa, foi designado «A Ordem de Santiago e a Expansão» e visou a ligação desta Ordem ao período das descobertas. O último curso, de 2008, abordou a «*Arte e Artistas das Ordens Militares*», com consultoria do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Prof. Doutor Vítor Serrão. Perspectiva-se para Janeiro/Fevereiro de 2009 a 9ª edição destes cursos, com consultoria do Instituto de Estudos Medievais da FCSH - Universidade Nova de Lisboa, Prof. Doutor José Mattoso, que tratará do tema «**Ordens Militares e Religiosidade**».

Apesar dos ecos positivos que sempre nos foram chegando da parte do público assistente, a necessidade de um balanço criterioso destas acções conduziu à elaboração de um inquérito de avaliação que tem sido distribuído desde 2007 e cujos resultados nos têm ajudado a conhecer melhor o universo de participantes e a corrigir aspectos menos conseguidos da organização.

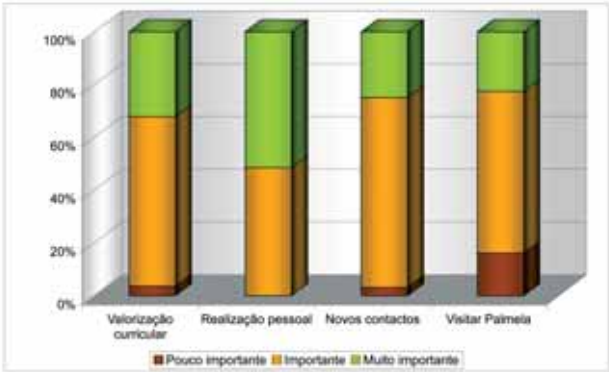
Pelos dados do inquérito de 2008¹, concluímos que o

¹Respondido por 35 pessoas num universo de 95.



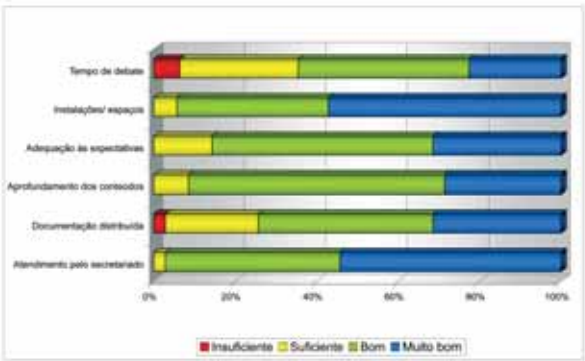
o público participante maioritário se situa nos grupos etários dos 25-34 anos e dos 55-64 anos, que em conjunto compõem mais de metade (53%) da amostra, com ligeira predominância das mulheres (54%). Em termos profissionais, a maioria encontra-se no activo e possui habilitações ao nível do ensino superior, estando bem representados os técnicos de arquivos e de museus (com relevo para os municipais), os estudantes e os professores de História, quer de escolas secundárias, quer de universidades, os investigadores de História e os guias-intérpretes. O grupo predominante provém do concelho de Lisboa (31%), logo seguido do concelho de Setúbal (14%). Se considerarmos a proveniência em termos de distrito, mantém-se a primazia de Lisboa (57%), apesar de agora se notar uma presença mais significativa de inquiridos oriundos de Setúbal (43%). Mais de metade deste público (54,3%) participou pela primeira vez neste tipo de iniciativas, sendo que os restantes declararam ser reincidentes na frequência dos cursos e encontros quadrienais sobre Ordens Militares. Relativamente às formas de divulgação, 42,9% teve conhecimento da iniciativa por colegas, 25,7% através de correspondência do GESOS e 14,3% pela imprensa local.

Na análise dos objectivos de frequência desta acção (Gráf. 1), verifica-se que a realização pessoal foi a maior motivação para a frequência do curso, seguida da valorização curricular e do estabelecimento de novos contactos. Uma percentagem significativa demonstrou interesse em visitar Palmela.



Gráf. 1: Motivações para a frequência do 8º curso sobre Ordens Militares.

Em termos de satisfação com a acção (Gráf. 2), constata-se que o curso se adequou bem às expectativas do público inscrito, que considerou bom ou muito bom o aprofundamento dos conteúdos. Também o atendimento pelo secretariado e instalações mereceram qualificação muito positiva. Alguma debilidade foi reconhecida na documentação distribuída e na escassez de tempo dedicado ao debate, e em observações livres, houve quem sugerisse o fornecimento de mais textos de apoio às temáticas das conferências.



Gráf. 2: Níveis de satisfação com o 8º Curso sobre Ordens Militares

A análise dos resultados desta avaliação, um trabalho conjunto do Gabinete de Estudos e Qualidade e do GESOS, é fundamental para corrigir erros e ajustar procedimentos, no pressuposto de uma permanente melhoria da qualidade dos serviços prestados a todos quantos escolhem participar nas acções do Gabinete de Estudos sobre a Ordem de Santiago.

André Amaro (Gabinete de Estudos e Qualidade – C.M. Palmela)
Isabel Cristina F. Fernandes (GESOS)

em investigação

Museu e Território, múltiplas referências e multivocalidades culturais



Quinta Pedagógica COI, Lagoa da Palha, 2008

O passado confronta-se invariavelmente com o presente através do legado que é transmitido de geração em geração. E, por legado, neste contexto, entende-se o Património Cultural de um povo que “*garante a sobrevivência e a reprodução dos grupos sociais, mas também conecta umas gerações com outras através de um conjunto de bens que são transmitidos*”¹.

O Património Cultural embora seja uma expressão recorrente, comumente utilizada por especialistas na matéria, entidades culturais, associações locais ou indivíduos anónimos, a pretexto de reclamar identidades com fundações na história e

na tradição, deriva de um conceito complexo que tem dado azo, ao longo dos tempos, a um debate inacabado com vista a determinar a sua definição: o que é, o que pode ser, o que deveria ser, o que não é.

Segundo Prats, “*o património é uma construção social, um artifício, idealizado por alguém, em algum lugar ou momento, para determinados fins e implica, finalmente, que é ou pode ser historicamente alterado, de acordo com novos critérios ou interesses*”². O património surge como uma realidade continuamente construída e (re)inventada. É uma objectificação flutuante, vinculada pelo real vivido, fruto de discursos e práticas que con-

cebem, criam, edificam e legitimam. Neste aspecto, Alarcão refere as “*múltiplas versões ou interpretações do passado, que todavia divergem não tanto ao nível do conhecimento dos dados, mas mais ao nível da sua selecção tendo em vista a produção de uma narrativa e, sobretudo, ao nível da explicação que se dá aos factos*”³.

Trata-se de um processo de selecção, negociação e confronto, muitas vezes violento no sentido de que toca também o campo dos afectos, das memórias, de fazeres e sentires. É a valorização de determinados significados e representações em detrimento de outros tantos possí-

¹ PEREIRO PÉREZ, Xerardo - **Turismo, Cultura e Património Cultural**. 2004. [consult. Novembro, 2006], p.6

Disponível em home.utad.pt/~xperez/ficheiros/docencias/manual_de_turismo_cultural_2006_2007/GUIAO_DO_TEMA6.ppt

² PRATS, Llorenç - *Antropologia y patrimonio*. Barcelona: Ariel Antropologia, 2004. p. 20

³ ALARCÃO, Jorge “Post-modernismo e Arqueologia”, in D’ENCARNAÇÃO, José (Coord.) - *As Oficinas da História*. Coimbra: Edições Colibri, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2002, p. 39-40

veis. É o resultado de uma acção consciente que Integra e simultaneamente Exclui. E, durante este processo, o presente constitui-se pelo apelo ao passado, mas o passado é reconfigurado. *“O passado é pensado a partir do presente e de acordo com critérios de selecção e valoração determinantes em cada época.”*⁴. Trata-se de uma relação incondicional entre dois tempos distintos num processo com três níveis de percursos que se cruzam permanentemente: o percurso da perda, da reinvenção e da fabricação dos bens culturais.

Muitas vezes o que prevalece é a procura do genuíno, da autenticidade e do exótico, como se determinadas manifestações culturais tivessem estancadas no tempo e não sofressem transformações de acordo com a própria dinâmica do mundo.

Segundo Raposo, o recurso ao passado tornou-se fundamental porque se acredita que é nesta cronologia que reside a autenticidade, ainda inviolável pelo presente. *“Deste modo, a erosão de certos traços culturais, aparentemente provocados pelos novos ventos oitocentistas da modernização, do progresso e do desenvolvimento tecnológico, surge, ao invés, potenciados pelo interesse de círculos intelectuais em torno da (re)descoberta duma categoria essencial: a cultura popular”*⁵. O autor acrescenta que esta última *“ganha tanto mais saliência social quanto se julga ameaçada a sua cultura pela vo-*

*ragem da modernidade”*⁶. Trata-se de uma relação de atracção entre a globalização e a revitalização da cultura popular. Prats acrescenta, ainda, que o factor determinante do Património Cultural é o seu carácter simbólico, *“a capacidade para representar simbolicamente uma identidade”*⁷. E é esta possibilidade de fazer investir num objecto, material ou imaterial, a identidade de um grupo, que recursos e vontades são mobilizados dando lugar à constituição de património. E este não é um processo meramente técnico, porque em muito contribui o gostar, já que se tratam, também, de afectos que impulsionam acções.

É no território que reside a génese de um discurso de conquista. O território é sempre uma construção de um discurso a que está implícito um espaço social comum, cujas fronteiras são resultado das dinâmicas culturais que o criam e delimitam. O território é mais do que um espaço geográfico, surge como o lugar de *“visitação”* cultural (Raposo, 2002) que incorpora discursos e práticas culturais. As identidades configuram-se no território e o próprio território humaniza-se nas identidades colectivas. É o lugar do abstracto, mas também do concreto, no sentido de que é na territorialidade que as manifestações se sucedem. É o cenário das performances, o local da dramatização. *“As performances culturais tomam-se verdadeiros cenários comunicativos de identidades culturais dis-*

*tintivas, acentuando os aspectos de unidade e comunhão de sentidos identitários”*⁸. As manifestações estão na base das construções identitárias porque as tornam visíveis, deslocando-as da memória do passado para o presente vivido e experienciado.

Museu

Os museus são espaços privilegiados para o estudo, salvaguarda e promoção de Patrimónios e, consequentemente, para as narrativas que sobre eles se constroem. Contribuem para reinventar sentidos, representações, metáforas do mundo real. Porque o museu constrói o objecto, transforma-o em função do olhar e da experiência.

Murphy, numa forte postura crítica, apresenta-os como instituições que desfiguram e reduzem as manifestações sociais e culturais a conjuntos taxinómicos, sobretudo pela forma como conceptualizam o tempo. Fala das *“transformações historicamente tão transcendentais [noção e ritmos de tempo que foram sendo alterados em função de diferentes épocas da humanidade – religiosa, industrial, económica] para as sociedades humanas [que] se viram reflectidas originariamente nas representações do património natural e cultural que ofereciam os museus, os quais participaram de forma directa na elaboração de sistemas historiográficos e semióticos destinados a interpretar tais transformações.”*⁹

Esta concepção do museu pare-

⁴ PEREIRO PÉREZ, Xerardo – *Ob.cit.*, p.2

⁵ RAPOSO, Paulo – *O papel das Expressões Performativas na Contemporaneidade. Identidade e Cultura Popular*. Lisboa: ISCTE, 2002, p. 45

⁶ RAPOSO, Paulo – *Ob.cit.*, p.47

⁷ PRATS, Llorenç – *Ob.cit.*, p.22

⁸ RAPOSO, Paulo – *Ob.cit.*, p.25

⁹ MURPHY, Bernice “Memória, Historia y Museos”, in *UNESCO - Museum Internacional, Diversidad Cultural y Patrimonio*, Vol LVII, n.º3/227, 2005, p. 66

ce-nos demasiado sobreavaliada, no sentido em que coloca como responsabilidade destas instituições a interpretação da sociedade. Não se tratando de instituições isoladas do mundo que as rodeia, cabe efectivamente ao museu, na nossa perspectiva, fornecer leituras do mundo porém, é também nossa opinião que a construção de significações sobre o mundo não se limita exclusivamente a estes equipamentos culturais. Os discursos sobre o património estão presentes no próprio território que, segundo Cláudio Torres, “*são marcos de memória, numa paisagem fortemente humanizada, de uma memória local que, de certa forma, é a única resistência.*”¹⁰

O programa museológico do Museu Municipal de Palmela não se distancia do território que representa. Constituído por núcleos e extensões, proprietário de espólio e local de depósito de colecções particulares, edifica-se em torno dos patrimónios locais. Para além dos Moinhos Vivos, Espaço Fortuna e CINZAMBU, estão na forja novos protocolos com a Associação Regional de Criadores de Ovinos Leiteiros da Serra da Arrábida (ARCOLSA), de Quinta do Anjo, e com

o Centro de Ocupação Infantil (COI) de Pinhal Novo.

AARCOLSA (abrange os concelhos de Palmela, Setúbal e Sesimbra), criada em 1984, surgiu como associação que visa a defesa e promoção do Queijo de Azeitão. No decorrer deste ano solicitou ao Museu Municipal, apoio técnico para, num trabalho de parceria, contribuir para a valorização e objectificação deste património. Os primeiros passos foram dados em Abril, no âmbito da XIII edição do Festival do Queijo, Pão e Vinho, em S. Gonçalo, com a inauguração da exposição de longa duração: “*Entre a Serra e o Céu: o Maneio das ovelhas*”.

Também no lugar da Laoa da Palha apoiamos a abertura de outra extensão museológica. O COI, em colaboração com o Museu Municipal, está a conceber uma Quinta Pedagógica que tornará possível a visita a uma casa de tipologia caramela, com todos os artefactos que a caracterizam; o sentir os cheiros da terra e dos animais; o experienciar destes modos de vida rurais.

No sentido de fornecer orientações técnicas adequadas ao planeamento da acção museológica, o Museu Municipal está a conceber um Ma-

nual de Boas Práticas para distribuir a estas duas extensões. Este documento, simplificado, tem como objectivo ser uma apresentação sumária, não exaustiva, das necessidades básicas de um espaço museológico, no tratamento e manuseamento das colecções, assim como no que diz respeito à programação pedagógica em função da especificidade dos públicos.

AARCOLSA e o COI estão a constituir-se como espaços simbólicos de partilha de conhecimentos. São terrenos de pesquisa reivindicados pela população e pela autarquia. Neste território de múltiplas referências, novas narrativas impõem-se aos sentidos, resultado de um processo de descoberta da própria comunidade local.

Este trabalho em parceria resultou já no acordo prévio de que, no âmbito destes protocolos, as visitas a ambos os espaços serão gratuitas para os alunos do concelho de Palmela.

Teresa Sampaio
Antropóloga,
Museu Municipal de Palmela

¹⁰ TORRES, Cláudio “A história local como Identidade”, in REIS, António (Coord.) - *As Grandes Correntes Políticas e Culturais do Século XX*, Lisboa: Edições Colibri/ Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2003, p. 68

Património Local

Actividade arqueológica em Palmela, 2007/2008



Respeitando a Arqueologia enquanto ciência social, é importante divulgar, embora de forma bastante sucinta, alguns dos principais trabalhos desenvolvidos pelo Serviço de Arqueologia da Câmara Municipal de Palmela, em 2007-2008, contribuindo para uma maior aproximação entre a comunidade local e o património arqueológico concelhio.

1. Arqueologia de Prevenção Acompanhamento e Escavação Arqueológica do Edifício dos Paços do Concelho

Os trabalhos desenvolvidos permitiram a identificação de um conjunto significativo de estruturas dos períodos Moderno e Contemporâneo, destacando-se um poço que durante os séculos XVIII-XIX e XX terá funcionado como fossa de detritos, uma canalização, um empedrado e um conjunto de muros que compõem um compartimento de tendência rectangular (anterior à estrutura seiscentista dos Paços do Concelho). A análise do conjunto estrutural identificado revelou que ocorreram sucessivas transformações arquitectónicas na fase de transição dos séculos XVIII/XIX e que culminaram com as reconstruções e obras de adaptação do edifício seiscentista para albergar a Câmara Municipal durante o século XX. Os resultados obtidos desvendaram um pouco mais sobre o urbanismo da vila de Palmela durante os séculos XVII a XIX. Actualmente o espólio recolhido nas interven-

ções está em fase de estudo e inventário, tendo sido seleccionado um pequeno conjunto de peças para a exposição “Palmela Arqueológica. Espaços, Vivências, Poderes”. Encontra-se em realização o Relatório Final dos Trabalhos.

Trabalhos arqueológicos (sondagens de diagnóstico/acompanhamento) no Largo de S. João / Quinta da Cerca
Realização de sondagens de diagnóstico e acompanhamento arqueológico no âmbito do projecto de requalificação da Quinta da Cerca/Largo de S. João. Estes trabalhos tinham por objectivo diagnosticar a presença ou não de vestígios arqueológicos conservados e conhecer a estratigrafia na área de afectação do projecto de execução, permitindo a salvaguarda do património arqueológico.

A área de Quinta da Cerca corresponde a um importante povoado do Neolítico Antigo Evolucionado que se estabeleceu na plataforma da Serra de Palmela há aproximadamente 8 000 anos, com absoluto domínio visual do território sobre a Península de Setúbal e o Estuário do Tejo. Constituindo a mais antiga ocupação humana estudada no concelho de Palmela, assume uma importância fundamental para a compreensão do período de transição das comunidades recolectoras/caçadoras para as comunidades camponesas do Neolítico.

2. Projectos de Valorização e Dinamização Patrimonial Projecto Percursos Pedonais e Roteiros Culturais (Serra do Louro)

Coordenação e acompanhamento dos trabalhos de conservação e restauro nos arqueosítios do Alto da



Queimada (alcaria muçulmana)¹ e de Chibanes (povoado fortificado da pré e proto-história)², no âmbito do projecto de candidatura da Câmara Municipal de Palmela ao programa de financiamento comunitário Leader +, intitulado “Percursos Pedonais e Roteiros Culturais (Serra do Louro)”. Em 2008 foi publicado o roteiro “Percursos Pedonais e Roteiros Culturais: Serra do Louro”, como complemento ao projecto.

Projecto Estudo e Recuperação do Património Móvel do Concelho de Palmela

Estudo e restauro de espólio arqueológico e etnográfico seleccionado do acervo museológico do MMP³, no âmbito do projecto de candidatura ao programa de financiamento comunitário Leader+, intitulado “Estudo e Recuperação do Património Móvel Arqueológico e Etnográfico do Concelho de Palmela”. O espólio seleccionado encontra-se actualmente em estudo.

Na exposição “Palmela Arqueológica. Espaços, Vivências, Poderes” dão-se a conhecer alguns exemplares do espólio arqueológico restaurado.

3. Exposições

Exposição:

As Grutas Artificiais de Casal do Pardo (Quinta do Anjo). Memória Arqueológica

Exposição documental que recupera a memória arqueológica do monumento funerário, descrevendo as intervenções e investigações realizadas. Os Sepulcros Neolíticos de Quinta do Anjo, simultaneamente com as emblemáticas taças e pontas campaniformes “tipo Palmela” constituem uma referência arqueológica internacional.

As imagens revelam uma amostra do extraordinário espólio recolhido no monumento e que hoje se encontra depositado no Museu Nacional de Arqueologia e no Museu Geológico e Mineiro de Lisboa. As Grutas Artificiais foram identificadas na 2ª metade do séc. XIX e classificadas como Monumento Nacional em 1934.

Exposição: Palmela Arqueológica. Espaços, Vivências e Poderes

Exposição monográfica que pretende dar a conhecer a investigação arqueológica realizada no concelho, dos últimos vinte anos, compreendendo trabalhos de escavação (com intervenções de continuidade associadas a projectos de investigação e outras de prevenção e emergência), prospecção no âmbito da Carta Arqueológica do concelho, inventário, estudo de materiais e sítios, restauro, conservação e musealização. Nesta exposição, a intenção é transmitir ao público a dimensão desses valores materiais, resultado sobretudo de duas décadas de investigação e o seu contributo para o conhecimento do quotidiano das populações que habitaram nesta região inter-estuarina, desde a Pré-História até hoje, sensibilizando para a leitura e a interpretação do documento arqueológico.

Desta iniciativa resultou a publicação do roteiro da exposição.⁴

4. Gestão de Reservas Reorganização do Serviço de Arqueologia (colecção arqueológica)

No âmbito da reorganização das reservas do Museu Municipal e da preparação da candidatura à Rede Portuguesa de Museus, redefiniram-se algumas estratégias de acondicionamento e conservação dos materiais arqueológicos, prevendo a sua instalação no novo espaço de reservas. Este novo processo de organização das colecções por tipo de materiais, proveniência, anos de recolha ou incorporação, sensibilidade às condições ambientais e grau de fragilidade, permitiu logo de imediato resolver problemas que se colocavam diariamente como, a redução de espaço físico, proporcionando uma optimização do espaço destinado ao acondicionamento e reserva de espólio; agilidade na localização do espólio quando pretendido e uma rápida transição do acervo para o novo espaço de reservas do Museu Municipal.

Michelle Teixeira Santos
Arqueóloga, C.M.Palmela

¹ Trabalhos de restauro realizados por Palimpsesto – Estudo e Preservação do Património Cultural, Lda (Junho/Julho de 2008)

² Os trabalhos de restauro foram executados pelo Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.

³ Restauro do espólio arqueológico realizado pelo Campo Arqueológico de Mértola. O espólio etnográfico foi tratado e restaurado por Carlos Alberto Marques.

⁴ FERNANDES, I.C.F.; SANTOS, M. T. (2008) – *Palmela Arqueológica. Espaços, Vivências, Poderes. Roteiro da exposição*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela.

Sites a consultar

Dedicamos esta rubrica ao património associado à criação de ovinos e à produção de queijo de Azeitão.

<http://www.acos.pt>

<http://www.ovinosecaprinos.com>

<http://www.inga.min-agricultura.pt/ajudas/agroamb/mra/regras.html>

www.arcolsa.pt

<http://www.azeitao.net/azeitao/queijo/index.htm>

<http://www.cm-palmela.pt/pt/conteudos/turismo/o+que+comer/queijo+de+azeitao>

CADA NÚMERO, UM JOGO... d'OUTROS TEMPOS

Em homenagem ao Prof. António Matos Fortuna

A Bilharda

“Em rigor, a bilharda era um pau, geralmente redondo ou arredondado (...). Intervinham dois adversários. Assim, revestia-se de competição individual e não de equipas (ao tempo, a palavra equipa apresentava-se de demasiada finura para a linguagem de aldeia. Em seu lugar dizia-se “Jogo de parceiros”).

A giz, carvão, ou mesmo com o pé em terreno movediço, traçava-se um círculo de, pouco mais ou menos, um metro de diâmetro. Dentro desse círculo, denominado a roda, um dos jogadores munido duma pá de madeira, ou “raquete” como se diria hoje, procurava evitar cair aí a bilharda que o adversário atirava com a mão.

Facilmente se compreende: um atacante, pretendia que a bilharda, vinda pelo ar, pousasse no chão da roda; ao outro, o defensor, competia impedir que isso acontecesse, mas para tal não tinha outra alternativa para além de a sacudir com a pá (...).

Quando o atacante (ou o de fora) concretizava o seu intento, evidentemente alcançava a vitória e as posições trocavam-se. Havia outra ocasião que dava azo ao mesmo resultado e consequente efeito, era quando o de fora apanhava no ar a bilharda devolvida à pazada pelo que se encontrava no interior do círculo (...).

O jogo da bilharda foi praticado com muito entusiasmo até por volta de 1937. A partir de então caiu em desuso e actualmente ninguém o disputa. Oferece certos riscos, dadas as possibilidades de uma “bilhardada” na cabeça sobretudo na “viagem de devolução”. Todavia, hoje, poderia usar-se capacete protector...”



in FORTUNA, António Matos - *Outros Tempos. Trabalhos e Diversões das Gentes de Palmela, Quinta do Anjo, Cabanas e Caramelos. Quando os Autores eram Rapazes Pequenos.*, Col. “Monografia de Palmela, nº4”, Palmela: Grupo dos Amigos do Concelho de Palmela, 2002 (desenhos de Duarte Fortuna)

Edições em destaque

**Fundos documentais
especializados
para consulta pública
em Palmela**

GESOS



AAV (Coord. VÁSQUEZ
POTOMEÑE, Antonio Segundo)
– **A Grande Obra dos Caminhos
de Santiago. Iter Stellarum**, Coruña:
Hércules de Ediciones, 2007.
12 volumes



ALMEIDA, Carlos; ALMEIDA, Pedro;
GONÇALVES, Mário – **Caminhos
antigos e de peregrinação em
Penafiel**, Penafiel: Câmara Municipal/
Museu, 2008



EDBURY, Peter; KALOPISSI-VERTI,
Sophia (Ed.) - **Archaeology and the
Crusades. Proceedings of the
Round Table Nicosia 2005**, Athens:
Pierides Foundation, 2007

Museu Municipal



BRUNO, Jorge A. Paulus (Coord.) –
**Inventário do Património Imóvel
dos Açores. Flores. Santa Cruz**, s/l:
DRC/Instituto Açoriano de Cultura/
Câmara Municipal de Santa Cruz das
Flores, 2008



PINTO, Evaristo J. de Jesus – **O
Museu Municipal Manuel Soares de
Albergaria. Das origens à sua
formação**, Carregal do Sal: Câmara
Municipal, 2008



SALVADOR, José A. – **Portugal
Vinhos Cultura e Tradição. As rotas
dos vinhos de Palmela, do
Moscatel de Setúbal
e do Alentejo**, Mem Martins: Círculo
de Leitores, 2006

a não esquecer

... visitar a exposição



**“Palmela Arqueológica.
Espaços, Vivências, Poderes”**
até 18 de Maio de 2009
Horário
De 3ª feira a Domingo.
Encerra à 2ª feira.
Das 10h00 às 12h30
e das 14h00 às 18h00

...visitar a exposição

“Quinta do Anjo, 80 Anos de Freguesia”

na Sociedade de Instrução Musical,
durante a Festa de Todos-os-Santos
A exposição ficará patente
de Dezembro de 2008
a Dezembro de 2009
no Posto de Atendimento Municipal
em Quinta do Anjo

... visitar a exposição



“Rota dos Vinhos da Península de Setúbal: pela mão da História e da Memória”

1 de Novembro de 2008
a 15 de Janeiro de 2009
Casa-Mãe Rota dos Vinhos
Largo S. João, Palmela

...participar no 9º Curso sobre Ordens Militares

«Ordens Militares e Religiosidade»

Consultoria científica:
Prof. Doutor José Mattoso
Instituto de Estudos Medievais
da FCSH - Universidade Nova
de Lisboa
Janeiro/Fevereiro de 2009
(data a confirmar), Palmela



+museu

Índice

- 1** Editorial
- 2** Em destaque... Patrimónios do concelho – o Maneio das ovelhas
- 5** À Memória de... António Antunes de Matos Fortuna
- 7** Nos Bastidores... O GEOS e os cursos sobre Ordens Militares: um percurso e um balanço
- 9** Em investigação... Museu e Território, múltiplas referências e multivocalidades culturais
- 12** Património Local... Actividade arqueológica em Palmela, 2007/2008
- 14** Sites a consultar | Cada número, um jogo... a Bilharda
- 15** Edições em destaque | a não esquecer

Contactos:

Divisão de Património Cultural - Museu Municipal
Departamento de Cultura e Desporto
da Câmara Municipal de Palmela
Largo do Município
2951-505 PALMELA

Tel.: 212 338 180

Fax: 212 338 189

E-mail: patrimonio.cultural@cm-palmela.pt

Ficha Técnica

Edição: Câmara Municipal de Palmela

Coordenação Editorial: Chefia da Divisão de Património Cultural/Museu Municipal

Colaboram neste número: André Amaro, Cristina Prata, Isabel Cristina F. Fernandes,

Lúcio Rabão, Michelle Santos, Teresa Sampaio

Design: Paulo Curto

Fotografia: Museu Municipal de Palmela

Impressão: Armazém de Papéis do Sado, Lda

Código de Edição: 365/08 - 3 000 exemplares

ISBN: 927-8497-27-X

Depósito Legal: 196394/03

Faz parte integrante deste número uma separata com o documento
Quinta do Anjo em Imagens, nos 80 anos da Freguesia